

Índice

Hiperexcitados pela atualidade.....	1
Recuperar a “verdadeira Europa”	2
“O Círculo”	3

Hiperexcitados pela atualidade

As redes sociais são uma ferramenta de trabalho para cada vez mais jornalistas, mas isso não significa que os estejam a ajudar a fazer um melhor jornalismo. Embora muitos apreciem a visibilidade que lhes dão, também acusam a fadiga mental e a falta de tempo para refletir. Tal como os leitores.

Procurar leitores nas redes sociais já é um hábito quotidiano para muitos jornalistas, como salienta o [“Global Social Journalism Study”](#) de 2017, realizado pela Cision a partir de uma sondagem a mais de 250 jornalistas, editores e bloguistas de vários países. Um dos dados mais chamativos é que 42 % dos inquiridos usa habitualmente 5 ou mais redes sociais.

A maioria utiliza-as para difundir os seus conteúdos, o que pode levar mais tempo do que parece. Em primeiro lugar, há que adaptá-los ao que funciona em cada rede social. Além disso, não basta entrar, partilhar e ir-se embora: também se tem de “fazer comunidade”. E assim, 19 % interagem a cada hora com os seus leitores; e 47 %, pelo menos uma vez por dia. E, a seguir, existe o acompanhamento da atualidade quase em tempo real, a leitura das recomendações, a gestão dos *trolls*...

O risco de esgotamento por iniciativa própria é evidente e, como noutros setores, parece que prolifera a [“auto-exploração voluntária”](#), nas palavras do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han. Contudo, não é evidente que este esforço extra tenha redundado num jornalismo de melhor qualidade. Embora, desde 2012, tenha crescido a percentagem de jornalistas que recorrem diariamente a estas plataformas para

dar visibilidade ao seu trabalho, 77 % lamentam que as redes os estejam a levar a dar prioridade à rapidez sobre a análise.

O facto das redes sociais terem acelerado o fluxo de notícias até levar leitores e jornalistas a um estado de fadiga mental é algo que preocupa os defensores de um jornalismo mais reflexivo.

“Quem tem tempo para medir as palavras se, além de escrever, tem de estar ativo no Twitter e emitir vídeos em direto através do Facebook Live?”, observa Elizabeth Jensen, provedora do ouvinte da rádio NPR. Aquilo que inquieta Jensen é que a pressa em estar nas redes sociais quando toda a gente fala de um tema polémico, acontece em detrimento dos matices. E dá como exemplo o abuso “das *tags*, que podem distrair da visão de conjunto”.

Num [artigo](#) publicado no “The New York Times”, Christopher Mele inclui vários testemunhos de pessoas que se sentem esmagadas pela sobrecarga informativa. Há quem lamente a mudança dos seus hábitos de leitura: rapidamente, descobriram-se a falar muito e a ler pouco a fundo. Ou os que reconhecem que o seu empenho em estarem atualizados lhes é “emocionalmente cansativo e fisicamente prejudicial”. Não exageram, pois acusam “ranger de dentes pela ira ou pela frustração, pressão sanguínea disparada, palpitações cardíacas”.

O politólogo Víctor Lapuente, colunista no “El País”, também [alerta](#) para o risco de que “uma superexposição à atualidade” nos induza “a um estado de permanente tensão ideológica”. “Recebemos mensagens políticas em tempo real na televisão, rádio e meios de comunicação *online* 24 horas por dia, nos 7 dias da semana (a atualidade já não descansa aos fins de semana, cenário hoje em dia das declarações políticas mais

suculentas) e durante todo o ano (nem meios de comunicação, nem partidos políticos relaxam no verão)”.

E o grave é que este “vendaval de estímulos informativos” se está a traduzir em mais radicalização, na medida em que “nos faz viver em bolhas incomunicáveis” e nos encerra “em esferas de discussão cada vez mais privadas”.

Os meios de comunicação tradicionais não criaram o problema, mas a sua reação deitou mais lenha para a fogueira. É um fenómeno que se realimenta: a informação *à la carte* trazida pelas redes sociais gera nos meios de comunicação a necessidade de [“pescar onde estão os peixes”](#), como explicava um diretor da “BBC News”. Para isso, os editores pedem conteúdos que verdadeiramente suscitem interesse aos leitores – convertidos em [novos soberanos da informação](#) – e os sirvam em bandeja com novos formatos. Mas a concorrência é grande e a atenção, limitada. Daí que não baste captar essa atenção: tem de se mantê-la cativada.

À fome de cliques dos meios de comunicação junta-se a vontade de comer dos leitores: há sempre algo a que prestar atenção. Começa-se pelo lanche de títulos dos jornais e acaba-se num enfarte informativo, alimentado por uma amálgama de dados massivos, algoritmos, *newsletters*, *feeds*, *likes*, *retuits*... O paradoxal, como salienta Jensen, é que “ouvintes, leitores e espectadores estão a prestar atenção, talvez mais atenção do que nunca, ao jornalismo que produzimos a um ritmo vertiginoso”.

Para desacelerar o panorama informativo, Mele avança algumas ideias sugestivas. Uma é a dieta informativa proposta por Nir Eyal, que parte da premissa de que “a Internet nunca diz: está bem, já tiveste acesso a bastante; agora, sai”. Entre outros hábitos, recomenda desinstalar as *apps* do Facebook e do Twitter do telemóvel, limitando a sua consulta ao computador de mesa.

Outra proposta é o [“slow-news movement”](#), que advoga um distanciamento da informação de última hora. Para um dos seus defensores, como [Dan Gillmor](#), professor de jornalismo na Universidade Estadual do Arizona, trata-se de adotar um *são* ceticismo. “Chamem-no notícias lentas. Chamem-no pensamento crítico. Chamem-no como quiserem. Mas considerem a sua prática no consumo de notícias e na sua produção”.

Para outros, como a jornalista [Marie-Catherine Beuth](#), o distanciar-se da última hora exige ainda que os meios de comunicação disponibilizem a informação relevante aos leitores, em vez de dar por adquirido que estão todo o dia ligados “à escravatura do ciclo de notícias de 24 horas”. Beuth criou inclusivamente uma aplicação, [“News on Demand”](#), que oferece contexto informativo em função do tempo de que o leitor dispõe.

Testemunha privilegiada da mudança que conheceu a Rede nestes últimos anos é o jornalista irano-canadiano Hossein Derakshan, preso em Teerão (Irão) devido ao seu ativismo

online. Antes de ser encarcerado em 2008, a Internet para ele era sinónimo de abertura a uma variedade de opiniões escritas. Quando saiu da prisão e voltou a entrar na Internet após 6 anos de jejum digital forçado, deparou com um panorama completamente diferente. “O Facebook e o Twitter tinham substituído os blogues e convertido a Internet numa espécie de televisão”, povoada de imagens sem contexto, [conta](#) na “MIT Technology Review”.

“Tal como a televisão, agora a Internet entretém-nos” e, mediante uma oferta fragmentária de notícias, potencia a sensação de estarmos bem informados. “Mais do que pensar, a Internet faz-nos sentir, e reconforta-nos mais do que estimula a nossa autocrítica”. Mas, além disso, acrescenta novos males, ao personalizar os conteúdos de uma maneira que deem prazer ao leitor. “O resultado é uma proliferação de emoções, uma radicalização dessas emoções e uma sociedade fragmentada”.

Como corrigir esta “má versão da televisão”? Derakshan não é homem de meias tintas. “Para começar, precisamos que haja mais textos do que vídeos para continuarmos a ser animais racionais. (...) Isto significa que deveríamos escrever e ler mais, fazer mais *hiperlinks*, ver menos televisão e menos vídeos, e passar menos tempo no Facebook, no Instagram e no YouTube”.

E perante a sentimentalização do espaço público, reivindica a força da convicção racional: “Devemos começar a reagir aos conteúdos com a mente e não com o coração. Aquilo de que necessitamos não é de botões de *Gosto/Não gosto*, mas opções de *Estou de acordo/Não estou de acordo* ou *Confio/Suspeito*.”

J. M.

Recuperar a “verdadeira Europa”

Há algumas semanas, dez intelectuais europeus publicaram a [Declaração de Paris](#), que tem por título “Uma Europa na qual podemos acreditar”. Esta seria a proposta dos autores como resposta ao crescente ceticismo dos europeus – totalmente justificado, na sua opinião – relativamente às elites e instituições comunitárias.

Para os subscritores, a grande ameaça ao futuro do continente não são os grupos jihadistas ou as manobras desestabilizadoras russas. O perigo está dentro: a “falsa Europa”. Na sua opinião, esta opor-se-ia ao ideal original, que esse sim suscitava a adesão que reclama o título da declaração.

Em que consiste este perigo? “Esta falsa Europa imagina-se a si própria como o culminar da nossa civilização, mas na realidade quer confiscar o nosso lar. Recorre a exageros e distorções das autênticas virtudes da Europa, ao mesmo tempo que se mantém cega perante os seus próprios vícios”. Assim, este problema tem – para os autores – uma base cultural muito importante. Entre os elementos que confluem na crise, nomeiam-se a linguagem politicamente correta, o mito do progresso, uma liberdade falsa e uma igualdade também enganadora (porque pretende assentar a hegemonia da civilização ocidental aparentando neutralidade).

Todos estes elementos são utilizados – segundo o texto – pelos tecnocratas e pelas elites intelectuais para fazer com que os cidadãos acreditem num certo fatalismo que justificaria os défices democráticos da União. Perante isto, os subscritores proclamam: “Rejeitamos a falsa pretensão de que não existe alternativa responsável à solidariedade artificial e impessoal de um mercado unificado, uma burocracia transnacional e um entretenimento superficial”.

Para recuperar a verdadeira Europa, estes intelectuais propõem o regresso a um autêntico liberalismo comprometido com “um intenso debate público livre de qualquer ameaça de violência e coerção”. Para isto, é necessária uma sociedade civil dinâmica, políticos que sejam realmente homens de Estado, a recuperação das hierarquias, um novo consenso a respeito da cultura moral, a renovação da educação, a assimilação dos imigrantes e o apoio à família e ao casamento.

Desta forma, seria recuperada a Europa que os autores reconhecem como seu lar. Uma identidade – a europeia – que poderia remediar a crescente falta de sentido de pertença que muitos cidadãos do continente experimentam. Trata-se de reviver a união na diversidade original. Em contraponto à “utopia” multicultural, esta Europa verdadeira é cosmopolita à sua maneira, porque entende que “o amor patriótico e a lealdade cívica se abrem a um mundo maior”. Além disso, reconhece as suas raízes no cristianismo, que lhe deu unidade cultural e inspirou os seus valores.

Ao rever a lista de signatários, pode-se identificar a origem de alguns dos pontos do texto. Este seria o caso da ideia da Universidade [proposta](#) pelo britânico [Roger Scruton](#) ou a compreensão da Modernidade defendida por [Rémi Brague](#), que em grande parte a observa em continuidade com a Idade Média. São ideias que assentam bem numa declaração que poderia ser classificada como conservadora. No entanto, o texto também assume críticas de uma linha mais progressista. Por exemplo, quando adverte que o crescimento económico – embora benéfico – “não é o bem supremo”. Desta forma, acolhe uma das ideias força da encíclica “[Laudato si](#)” do papa Francisco.

A Declaração de Paris, que inclui afirmações polémicas como a reivindicação das fronteiras ou a defesa dos movimentos populistas, apresenta também uma leitura diferenciada da situação atual. Para lá das suas críticas à idade moderna, valoriza os avanços que trouxe e, ao mesmo tempo, não deixa

de assinalar excessos do passado. Neste sentido, [foi dito](#) que a abordagem desta declaração é “decididamente tradicionalista, mas não nostálgica”. Todavia, o núcleo principal do texto é o convite a tomar partido na construção do futuro da Europa. Infelizmente, esta declaração passou muito despercebida. Assim, será extremamente difícil que provoque a discussão positiva que pretende.

M. U.

“O Círculo”

“The circle”

Realizador: [James Ponsoldt](#)

Atores: [Emma Watson](#), [Tom Hanks](#)

Duração: 110 min.

Ano: 2017

O uso das tecnologias no dia a dia das populações é um facto de fácil confirmação e que vai atingindo âmbitos da vida pessoal cada vez maiores. As vantagens são evidentes: o aumento da rapidez na comunicação e a transmissão instantânea de informação, permitem resolver questões urgentes. Além disso, possibilita-se o acesso a dados escondidos e ao desvendar de segredos, aparecendo a tecnologia como a campeã da transparência.

O filme aborda estas questões, mas revela também que há momentos únicos que são apenas para partilhar com pessoas amigas e o facto de se poder falar em privado, torna a pessoa mais autêntica, sem receio em “ser como é”, pois a sua vida não está controlada pela tecnologia que põe tudo à mostra. No entanto, há pessoas dispostas a trocar a “liberdade” por uma aparente maior “segurança vigilante”, dando razão aos livros “1984” de Orwell e “Admirável mundo novo” de Huxley, ao descreverem o nosso tempo.

No fundo, este *thriller* ficcional é mais real do que parece, deixando claro que quem dominar a tecnologia terá acesso ao “Poder” e ao “Dinheiro” em larga escala. Para desmascarar este “controlo”, o filme indica a solução mais eficaz: a força do contacto pessoal, direto, sem intermediações, num “tu a tu” livre de maquinações...

Tópicos de análise:

1. A perda de privacidade inibe o desenvolvimento da personalidade.
2. O mau uso da tecnologia permite manipular as próprias pessoas.
3. O contacto pessoal dá soluções que a tecnologia não consegue “ver”.

[Hiperligação](#)

Paulo Miguel Martins

Professor da AESE

